

Cartas para Bartleby

Escreva para Bartleby e fale dos sentimentos despertados em você com a leitura do conto. Ilustre sua carta para expressar melhor suas emoções.

MARIA RAQUEL PIRES 24/01/22, 23:17 HS

TATIANA DE OLIVEIRA DE ALMEIDA 26/01/22, 00:49 HS

Caro Bartleby,

Eu prefiro escrever essa carta para você. Escrevo não porque preciso, não porque tenho vontade ou não porque tenho necessidade. Escrevo porque, contagiada com a sua potência, achei melhor te escrever.

Quando te conheci, uma imagem me veio logo à mente: lembrei do “Caminhante sobre o mar de névoa”, pintado por Caspar David Friedrich em 1818. Você conhece, Bartleby?

Nessa imagem forte e poderosa eu te vi: uma figura solitária que rompeu com a razão e resolveu confrontar a natureza, mas, desiludido, escolheu fechar-se em si mesmo. Assim como o caminhante envolto em um mar de névoa, a nossa vontade ao te conhecer também é de saber o que está além da névoa, além das montanhas, além do “*I would prefer not to*”.

Sabe aquele sentimento de insignificância perante a natureza (o dito “sublime”)? Você já sentiu isso, Bartleby?

Quando te conheci, lembrei de Baudelaire, de suas flores do mal e de sua subversão. Assim, peço a ele licença para te dedicar esses versos:

"Perdido neste mundo vil, acotovelado pelas multidões, sou como o homem fatigado cujos olhos não veem no passado, na profundidade dos anos nada além do desengano e da amargura, e, à sua frente, senão a tempestade, onde não está contido nada de novo, nem ensinamentos nem dores." (Charles Baudelaire)

Quando te conheci, lembrei também de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Você chegou a ler o Marshall Berman, Bartleby?

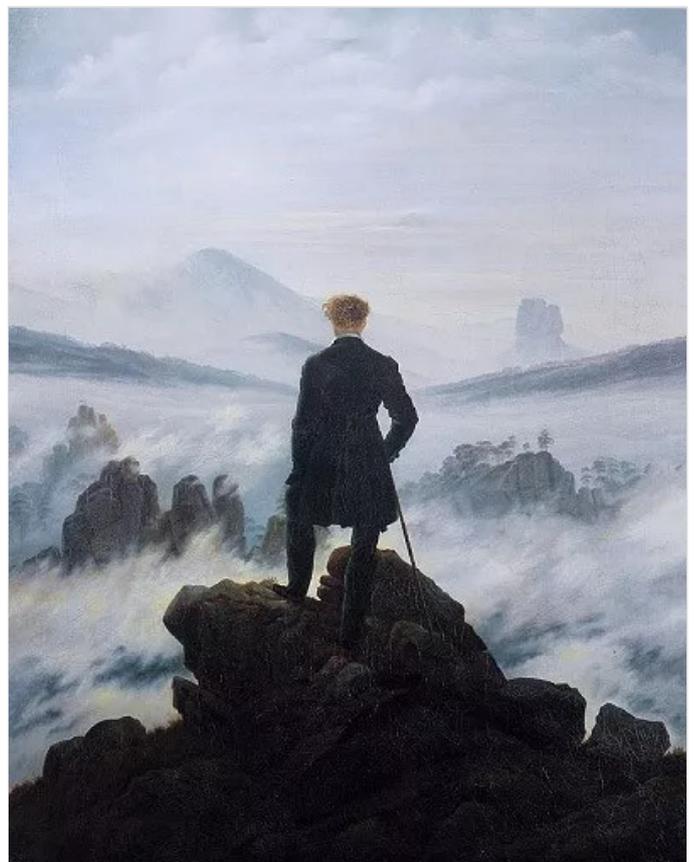
Você já parou para pensar que todos nós somos “movidos, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança — de autotransformação e de transformação do mundo em redor — e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços”?

Ainda, Bartleby, depois de conhecer sua história sob o olhar de um narrador homodiegético, anônimo e cheio de

ambiguidades, pensei também em Turkey e em Nippers. Por que seus rompantes são tão bem aceitos? Por que suas estranhezas não causam estranheza? Seria você, Bartleby, o *unheimlich* de Freud, aquele estranho familiar que causa a inquietante estranheza?

Por fim, pensei em Ginger Nut e em como a juventude e a ignorância são uma dádiva. Como é bom acreditar que, mesmo vivendo recluso numa casca de noz, é possível se “considerar rei do espaço infinito”. Você chegou a ler Hamlet, Bartleby?

Eu prefiro parar por aqui. Saudações, Bartleby!



ANÔNIMO 03/02/22, 12:39 HS

Ao Sr. Bartleby, o Escrevente

Caro Bartleby, irônico escrever uma carta para você que, provavelmente, por vida esteve a organizá-las sabendo que as preparava para interromper seu destino, assim como um agente funerário prepara o defunto ao sepulcro. Talvez em vida, você preferira não a ler, mas quem sou eu para julgar o seu ser?

Confesso que, assim como você, preferiria não a fazer, mas me sinto na obrigação moral, não social, de compartilhar com a humanidade a sua perda. Faço-a manifestando a mesma indignação que senti ao ler sua história.

De início um sentimento de indignação, desprezo e raiva passiva tomou conta da minha mente ao enxergar sobre a ótica alheia à sua revelia pacífica aos mandamentos sociais ora postos. Como pode o mandatário afrontar seu mandador na execução do seu labor?

Por ora era este o sentimento inicial, até a minha cognição flertar com a loucura na busca de uma razão. Recoberta a consciência moral, percebi empaticamente que a sua opção ora pelo silêncio, ora pela recusa, nada mais era que uma resistência silenciosa aos desmandos sociais construídos e repassados pela humanidade.

Se isso não fosse, que outra coisa levaria um homem a tamanha inovação comportamental? Loucura, talvez? Sim, talvez. Mas o que é a loucura numa sociedade sem qualquer lucidez?

Sendo assim, não restou outra opção que não o sentimento de solidariedade tomar lugar ao anterior existente. Como poderia um funcionário indefectível ser posto à rua sem ao menos ser compreendido? Por outro lado, até que ponto a lucidez humana do empregador sustentaria a dicotomia do fazer e não fazer?

Mesmo podendo fazê-lo de outro modo, você escolheu ficar em silêncio, Bartleby, e foi como colocar um fim volitivo na longa sentença moral de uma vida inteira que foi obrigado a viver.

Percebo que o seu silêncio e sua predição pela recusa passiva mexeram mais com a sociedade a sua volta que a patente, e não latente, discrepância moral que vivemos diariamente no curso desta vida.

A epistemologia vivida naquele escritório em que um sujeito indagativo e um ser inerte – as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo – despertaram na humanidade a reflexão da vida em uma sociedade comumente potestativa. E como diria o seu criador/autor, “nada irrita mais uma pessoa honesta do que a resistência passiva”.

Cartas para Bartleby

Por derradeiro, surpreso fiquei com sua reclusão. Como pode? Do seu silêncio fizeram uma prisão. Mas o que é uma prisão para um ser em inanição indefinida? O lugar que o corpo físico ocupa, não é exatamente onde a mente está, e que isso seja sempre uma eterna verdade, pois o que seria da humanidade se houvesse prisões cognitivas ou se estas fossem sempre uma loucura aos olhos ditos racionais?

Assim Bartleby, recorro a esta carta, que como dito, preferia não fazer, pela angústia e caridade que me toma sua dor em vida, pois reflete a nossa vida na sociedade hodierna. Porém, como diria o pensador anônimo “as cartas são emblemas de nossa mortalidade e a falha de nossas boas intenções”. Logo, resta recorrer a esta para agradecer por sua passagem e sua contribuição com essa parca sociedade vil.

Destarte, por ora me resta o apego ao sentimento de desalento, melancolia e grande consternação que a notícia da sua morte nos traz, mas onde quer que esteja, está melhor que nós, pois se livrou das escarnias politômicas de uma sociedade desempática à sua própria humanidade. O que poderia ainda mais lhe dizer? Nada além do que disse o autor: "Oh Bartleby! Oh Humanidade!"

Passar bem!

Saudações.

Tiago Mesquita.

P.S.: Para quê revisar este documento se ao destinatário não chegará, pois de tanto sofrer calado, de inanição morto está? (Obs.: contém ironia 😊)



LUCIANO BRAGAGNOLO 02/02/22, 21:24 HS

Prezado Bartleby,

Tarefa das mais difíceis é decifrar a sua enigmática história. Confesso que li, reli e, mesmo assim, restou a sensação de que nem mesmo 1000 leituras seriam suficientes para chegar a uma conclusão.

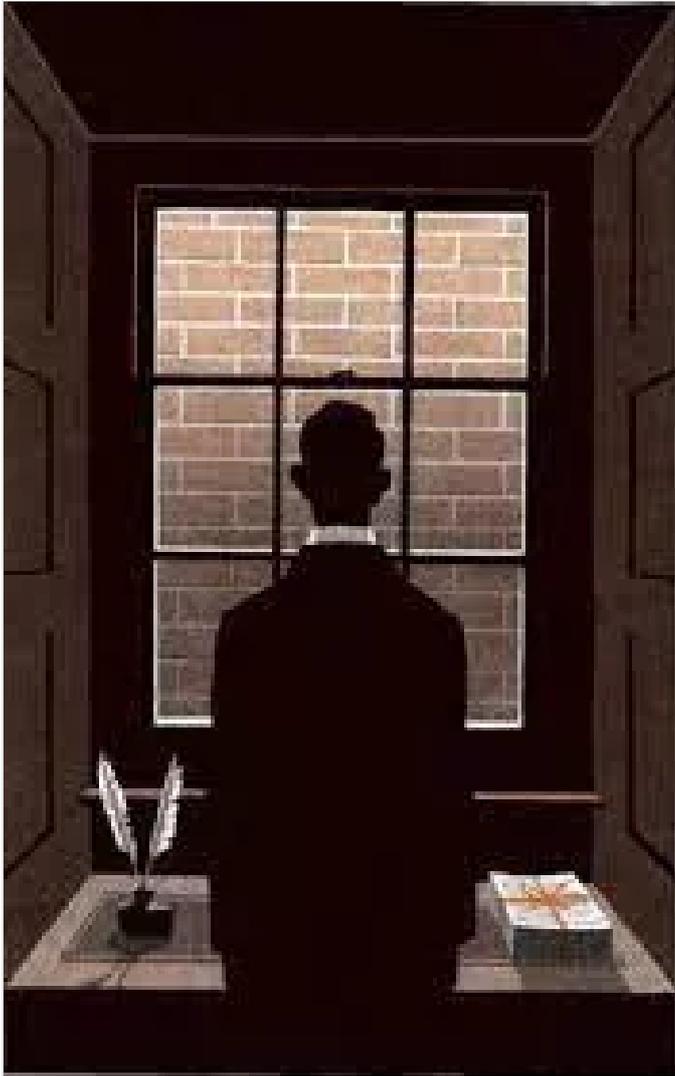
Boa parte da vida lendo e selecionando cartas para serem destruídas... Quantas histórias você deve ter se deparado. Quantos segredos você deve ter conhecido.

Mas, o que lhe fez desistir da vida e passar seus dias de frente para os tijolos? Qual a razão de tamanha resignação? Algo seria capaz de mudar a sua decisão? Como se vê por esta carta, são mais perguntas do que respostas.

E por mais que os sentimentos preponderantes que a sua história me desperte sejam a angústia e a melancolia, escolho por extrair dela algo de positivo. Meu caro Bartleby, que seu exemplo nos motive a, diante de determinadas situações que a vida nos impõe, ter a coragem de dizer "prefiro não". Doravante, a mim será impossível não lembrar de você nas futuras oportunidades em que me deparar com tais situações. Terei a bravura de dizer "prefiro não"?

Abraço fraterno,

Luciano Bragagnolo



YARA CRISTINE DOS SANTOS COSTA 30/01/22, 03:35 HS

Querido Bartleby,

Olá! Nos últimos dias tenho me lembrado muito de você. Que saudade, meu amigo! Diante da saudade, não me contive e precisei lhe escrever. Se recorda de quando você trabalhava incessantemente separando cartas para dar destino àquelas que já não mais tinham chance de encontrar seus destinatários? Garoto! Você se mantinha incrivelmente focado no trabalho. Seu foco e sua disposição para fazer bem o que tem de fazer são motivo de muitas congratulações. Você é incrível.

Cartas para Bartleby

Semana passada fiquei sabendo que está de trabalho novo e que o trabalho é um pouco diferente do que fazia, mas ainda trabalha com as letras. Então, certamente vai tudo bem! Desejo que suas energias estejam a mil. Ah! E desejo também que meu abraço forte e repleto de saudades chegue até você.

De sua sempre amiga Yara Cristine.



LÍVIA DE PAULA M. P. FRAUCHES 30/01/22, 08:13 HS

Caro Bartleby,

Papel e tinta significam potencialidades, pois são ferramentas capazes de plasmar sonhos, ideias, sentimentos, protocolos e histórias que, tão logo escritos, nascem para o mundo, já estão materializados e ganham sua própria energia.

Você, melhor do que ninguém, sabe o significado de uma carta e da sua potencialidade de mudança ou o que poderia ter significado ao ter sido entregue ao correto destinatário.

Assim nos parece a vida...uma folha em branco que será moldada por nós conforme nossas escolhas, baseadas em sentimentos (sejam eles fortes ou não), necessidades e crenças.

Assim, meu caro amigo, o que tenho a lhe dizer pode parecer o mais simplório dos pensamentos, mas que podem fazer uma diferença na tempestade depressiva em que se encontra...

Não tenha medo de simplesmente preencher a folha em branco da sua vida com um pouco de tinta. Sabemos o quanto é talentoso nesse ofício, sendo assim, crie sua própria energia ao sonhar e tentar novos rumos. Ouse nesse texto, use cores e desenhos.

De fato, a exaustão pode bloquear essa vontade de mudança, assim, experimente conversar um pouco com os seus colegas de trabalho, tente olhar a vista de uma outra janela

seguidas negativas, sempre afirmar: “Mas não sou exigente.”

Em minha experiência profissional no serviço público federal não me causou estranheza o fato de que ninguém honestamente e sinceramente se perguntou o porquê de o senhor sempre repetir “preferia não”. O que efetivamente incomodava o dono do escritório e os demais colegas de trabalho era a sua contínua insubordinação.

Compartilho que não sou da área de saúde, mas digo que são várias as campanhas sendo veiculadas buscando conscientizar e auxiliar no processo de identificação da síndrome de burnout, também chamada de síndrome do esgotamento profissional. Nessas campanhas, normalmente são apresentados 3 aspectos que contribuem para identificar os primeiros sinais da doença: esgotamento emocional, distanciamento afetivo e perda do sentido de realização profissional. Seria isso que te afligia?

Acredito que faltou empatia de seus colegas de trabalho para com o senhor. Uma abordagem mais humana poderia ter alterado os rumos de sua história.

Efetivamente nunca saberei quais foram seus reais conflitos internos ou externos. Mas espero que esteja livre desse sofrimento, descansando em paz.

Cordialmente,

David Freitas



Eu acredito ter sido a bipolaridade que fez com que do dia para a noite ele parasse de executar o seu serviço. Foi ao extremo de trabalhar compulsivamente e mudou para não querer fazer mais nada. Sendo que foi lhe facultado a opção de trabalhar menos, ou de trabalhar com outras coisas, mas não adiantou. — TIAGO OLIVEIRA LOUP

ANÔNIMO 02/02/22, 03:31 HS

Aldair



PAULA ARAUJO CORREA 02/02/22, 20:32 HS

Querido Bartleby,

Diante da notícia de sua partida, resolvi escrever-lhe, mesmo sabendo que esta carta jamais alcançaria seu destinatário.

Talvez esteja escrevendo a você para experimentar parte de sua angústia ao ver todos aqueles envelopes, repletos de sentimentos e histórias, sendo descartados como se nada fossem. Pois sei que jamais chegará a ler o que aqui escrevo.

Embora muitos não tenham compreendido a rigidez de suas convicções, agora, sinto-me mais próxima do caminho que trilhou ao recusar prosseguir fazendo somente o que lhe era ordenado, sem questionamentos, mesmo que fosse algo tão violento para você.

Por vezes, entendemos os muros que nos cercam como a proteção de que precisamos para sobreviver.

No entanto, se há apenas uma saída, uma visão, uma possibilidade, a ausência de qualquer escolha pode representar a prisão da qual jamais conseguiremos nos libertar, a não ser pela morte.

Desculpe-me se a realidade tenha me caído como uma veste tão dura.

Mas observar sua angústia ser negligenciada, ser tão incômoda aos seus pares, deixou-me reflexiva sobre uma questão: qual o destino da minha própria existência?

Bem, eu tenho essa resposta?

Eu preferiria não.

Paula Corrêa.

Caro Bartleby! Desde garota sempre gostei muito de ler e por esses dias paralelo ao relato da sua estória, li que “aprender a ler é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito...” Esta frase me impactou profundamente e ao procurar um significado para suas palavras “preferiria que não...” vi o quão pertinente é esta afirmação. Pertinente, porque, para mim muitas vezes as palavras vão realmente além do que foi dito ou escrito. Por isso ao ler sobre a narração da sua trajetória, que te mostra um ser frágil e introspectivo, senti o quanto a convivência com personalidades tão diversas da sua podem te transportar para o amago do seu ser. Nesse sentido, meu caro, o nosso silêncio pode se tornar um desafio para o outro, que tenta a qualquer custo buscar uma resposta para o fato de tamanha autossuficiência. Pelo menos foi assim que me senti. Também devo confessar o quão libertador é poder dizer “preferiria que não... para uma serie de coisas, pessoas, obrigações etc. Posso te dizer, do fundo do meu coração, que fui acometida pelo pecado da inveja. Mas nem só de pensamentos pecaminosos vive esta que agora te escreve, pois me senti forte frente a tamanha determinação de sua parte. Determinação que para alguns não fazia o menor sentido, parecia loucura, mas que em mim despertou o leão, aquele dos discursos de Zaratustra: “Criar para si liberdade e um não sagrado também perante a obrigação” (Nietzsche – Assim falou Zaratustra). Creio firmemente que isto é possível. No final fico triste porque esta carta não chegara a tuas mãos. Encontrará o mesmo fim daquelas que na interpretação de outrem te tornaram um ser melancólico.



SÉRGIO PAULO FUTER 04/02/22, 02:26 HS

Caro Bartleby,

Provavelmente essa carta vai para o Departamento de Cartas Mortas, já que seu destino foi citado no livro.

Imagino que após ler tantas cartas carregadas de histórias e sentimentos no Departamento de Cartas Mortas, de pessoas que escreveram com esperanças de que suas mensagens chegassem aos destinatários, o que nunca aconteceu, pessoas que aguardavam respostas, pedidos de desculpas, alegrias que nunca foram compartilhadas com o outro, solicitações que nunca foram nem serão atendidas, enfim, um mundo de informações nas cartas sem respostas e que foram parar em suas mãos. Entendo o seu sentimento de impotência diante de tantas questões lidas e que você não tinha o que fazer para resolvê-las.

No entanto, “prefiro” acreditar que toda experiência da vida nos traz alguma lição, e essa não era diferente.

Após o trabalho da leitura de cartas no Departamento, a sua compreensão dos problemas da vida e da importância de aproveitar as oportunidades e os momentos enquanto se está vivo deveriam lhe trazer sabedoria para produzir, comunicar-se e tentar passar essa mensagem para as outras pessoas.

No entanto você “preferiu” se fechar em seu mundo, canalizando dentro de você todas as angústias acumuladas.

Como o Sr. X (dono do escritório) afirmava, você era uma pessoa trabalhadora, poderia trabalhar em diversos ofícios, tanto que ele se ofereceu para te ajudar a conseguir trabalho em outras funções, mas você não quis e alegava “não ser exigente”. Também não aceitou a ajuda dele quando lhe foi dada a opção de ir morar na casa dele até que resolvesse suas questões internas.

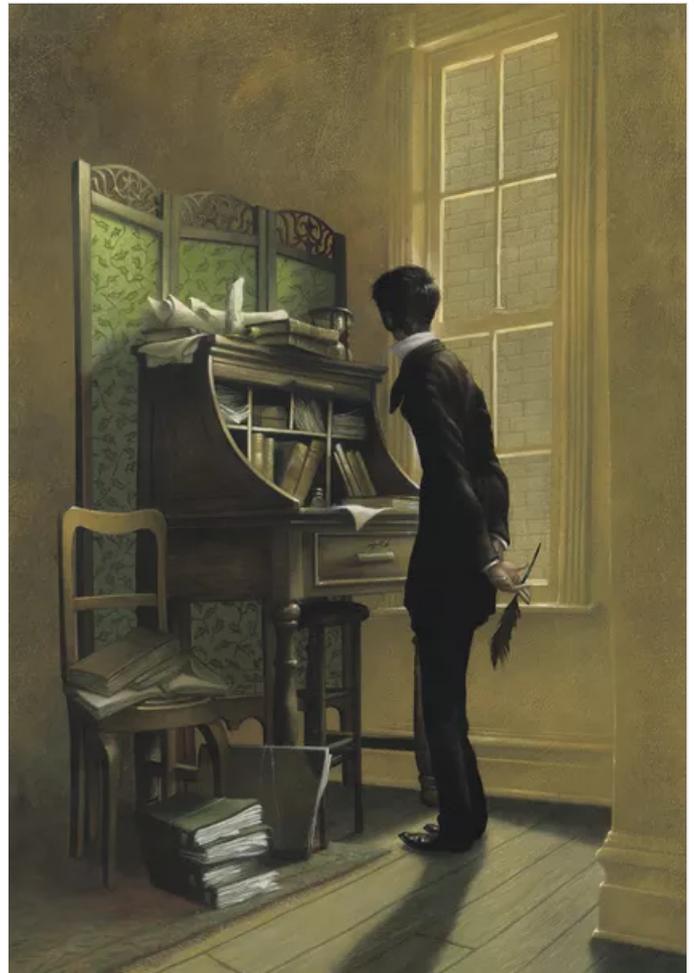
O que me vem a cabeça ao ver a forma que você conviveu com as pessoas é que através do seu silêncio, você queria despertar o bom e o lado ruim das pessoas. O lado da raiva e ao mesmo tempo o questionamento para que as pessoas

Cartas para Bartleby

tentassem te entender e despertassem sentimentos bons que estão dentro de cada um de nós. Tanto é assim que o dono do escritório criou vínculo afetivo contigo, apesar de pouco te conhecer.

Bom, meu caro, infelizmente a leitura despertou muitas dúvidas e possibilidades que não terei uma resposta exata, todas serão suposições que espero, quem sabe, algum dia esclarecê-las.

Abraço.



TIAGO OLIVEIRA LOUP 04/02/22, 19:01 HS

Prezados Bartlebys,

Estou enviando essa carta para que esta chegue ao Departamento das Cartas Mortas, como o endereço que estou enviando essa carta não existe, certamente chegará a esse local. Minha motivação com essa carta é alertar aos trabalhadores desse setor sobre o efeito psicológico que a leitura dessas cartas pode causar. Usarei como exemplo a história de Bartleby, para que todos entendam a necessidade de procurar ajuda de um profissional da saúde antes da chegada de um estágio irreversível como foi o ocorrido com ele.

Como consta na história de Bartleby, ele fora funcionário subalterno do Departamento das Cartas Mortas, em

Washington, do qual fora subitamente demitido em virtude de uma mudança na administração. Ele era um homem fechado e só conhecemos a história dele após um emprego de copista que foi contada pelo Herma Melville. Nesse estágio ele não mais interagiu, fazia seu trabalho sem nenhum tipo de interação com a equipe, ele já estava doente e precisando de ajuda, mas ninguém naquele ambiente percebeu isso. Achavam que era o jeito dele, às vezes é preciso um olhar crítico sobre o outro e estender a mão para que uma fatalidade não venha a ocorrer. Não é sabido se ele tinha família, era uma pessoa sem história, fechada no seu mundo interior, possivelmente devido à consequência do sofrimento que absorveu com as leituras das "cartas mortas" e que nunca chegaram ao seu destinatário. Por ser taxado de malandro, acabou em um presídio e definhando até vir a falecer. Ninguém teve a hombridade de ajudá-lo, talvez por desconhecimento desse tipo de doença à época.

A absorção dos aspectos negativos do mundo exterior nos causa uma somatização que se não tratada como uma doença e ter um acompanhamento de um profissional da saúde, pode nos levar à morte, como foi no caso do Bartleby. Por isso aqui fica a minha mensagem aos trabalhadores do setor do Departamento das Cartas Mortas, procurem fazer terapia e não se envolver com as histórias das outras pessoas a ponto de se prejudicar. Ao primeiro sinal de confusão emocional, peça ajuda, a psicoterapia vai te ajudar na diminuição das dificuldades emocionais, estimulando o autoconhecimento e a resolução de conflitos internos. Vamos salvar os Bartlebys do nosso convívio antes que seja tarde demais!

Fiquem em paz!

Tiago Loup



WASHINGTON BONINI 05/02/22, 13:35 HS

Carta ao sr. Bartleby

Prezado Sr. Bartleby

É com pesar que reconheço que esta carta o encontrará da mesma forma que aquela com que o sr. trabalhou por tanto tempo – uma carta não entregável. Nesse sentido, escrevo sabendo que a intenção é o ponto importante desta mensagem e que o esforço é de reflexão sobre a condição que sua história retratou.

Não é cabível tentar prescrutar o que se passava em seu coração ou o que afligia sua alma, pois não o contou a ninguém. O que nos resta é tentar desvendar o que ocorreu e buscar evitar que tanto dano seja colocado a pessoas na mesma situação.

É perceptível que o sr. se identificava com seu trabalho e a ele se aferrava com tenacidade, mas também que isso representava um peso considerável, por haver gerado a impassividade que ocasionou.

Foi a repetitividade, foi o isolamento da natureza, foram as paredes às suas costas e visada? Foram os colegas, que se alheavam do trabalho cada um a seu modo? Ou foram as memórias de um propósito de tamanho pesar, o de se livrar de sentimentos profundos que não mais poderia alcançar seus destinos? Difícil saber, o sr. não disse.

O que se pode apreender é que o trabalho importa, é que a pessoa importa, é que as organizações são responsáveis e que a labuta, se desconsiderar a condição dos trabalhadores, os alheará. O trabalho tem significado, mas também o tem os trabalhadores.

Não se vive mais numa condição em que o trabalhador se conecte diretamente ao fruto da produção. Os processos foram analisados, separados e especializados. Amíúde, vê-se somente um pedaço do produto final e ao humano, cabe somente saber que uma pequena parte daquilo é de sua responsabilidade.

Como pequenas engrenagens num relógio, como partes de uma máquina é que operamos. Sem ver o que produzimos, mas muito cientes das paredes e constrictões que nos colocam à volta e das pequenas e repetidas parcelas de trabalho que nos colocam a frente.

Confrontados com a equação em que o sr. se encontrou – retirado da finalidade, alheado da organização, emparedado pela estruturação, mas aferrado ao propósito do trabalho – a proposição do “prefiro não fazer” talvez seja a única possível.

Descanse em paz sr. Bartleby, espero que encontre conforto em saber que já não precisa mais de um propósito e que não mais será colocado numa situação em que precise escolher em não ter de agir.

NUBIA AUGUSTO 05/02/22, 20:47 HS

Prezado Bartleby,

Ao ler sua história, contata pela perspectiva de outra pessoa, me peguei pensando em como seria essa narrativa se ela tivesse sido contada por você.

Embora você seja o protagonista, que com muita coragem decidia, a cada nova indagação, fazer o que lhe preferia, me perguntei, ao longo de toda a leitura, como você preferiria ter sido conhecido no mundo.

Me intrigou sua coragem de estar determinado a nunca atender aos pedidos de seu patrão, ainda que fosse “um pedido feito de acordo com a prática costumeira e o senso comum”.

Parece-me que, com o seu silêncio, provocou em alguns do seu convívio um questionamento acerca do modelo de vida aceitável socialmente, a prática costumeira e o senso comum, como diria o patrão, que por tantas vezes excluem o comportamento fora do padrão e rejeita o diferente.

Lamento que tenha partido desse mundo sem ter sido compreendido, embora não tenha certeza se seria essa a sua vontade.

Cordialmente,



VICTOR LEANDRO 05/02/22, 23:08 HS

Caro Bartleby,

Escrevo-lhe esta carta na expectativa de encontrá-lo em melhor estado e aptidão do que da última vez que nos vimos. Quando questionava sobre o sentido da vida e a razão que a move.

Recordo-me de nossas longas conversas sobre a sociedade e seus princípios e padrões. O quanto a busca por aceitar ou

Cartas para Bartleby

até mesmo compreender essas questões o incomodava. Suas análises ponderadas e detalhadas, trazendo à tona questões tão sensíveis e delicadas.

Penso que a busca por compreender o que houve com sua família e as questões sobre a sua demissão injustificada do Departamento das Cartas Mortas não te deixavam seguir, como que amarrado a um espiral sem fim. Não via uma saída, se não a aceitação. Mas, não parecia esta ser uma opção para você. Sempre se questionando, argumentando e visualizando cenários, porém nunca chegando a um destino.

Via em você crescer repentinamente um grande desejo de compreender e ser compreendido, mas de uma forma silenciosa, interna, preferindo não argumentar. Por vezes seu olhar caía, como que perdido no eterno, sem destino. Como isso me preocupava. Se de alguma forma você perderia sua essência, seu vigor e dedicação.

Espero que passado o tempo tenha achado a tão buscada liberdade, tenha se encontrado, não apenas nos afazeres profissionais, mas especialmente na vida, ou, senão, tenha encontrado a aceitação. Espero poder ver seu rosto brilhar novamente, sem conflitos. Espero vê-lo mais propenso ao novo, ao inesperado.

Saudações do seu amigo,

Victor Leandro.



LISLY ROSA 06/02/22, 20:07 HS

Carta ao Sr. Bartleby, o escrivão

Confesso que sua história estava por ser lida e comentada há algum tempo. Vi que carimbos costumavam acompanhar o livro nas fotos e questionei se não seria mais uma história sobre um dia em um escritório cheio de tarefas pelas tarefas, os distúrbios da burocracia. Pensei que poderia me identificar, afinal trabalho no serviço público e tal prática é parte do dia a dia. Mas, Bartleby, você é mais do que isso: é uma personalidade densa que fala mais pelas ações do que pelas

palavras.

Imagino como foi chegar a um escritório cheio de disposição e pronto para resolver tudo rapidamente. O tempo passou e não foi preciso muito para começar a dizer: “ _ Acho melhor não”. Quais os motivos? Seriam as más condições de iluminação ou a vista de sua mesa para o muro? Será que observou a dinâmica do seu trabalho e chegou à conclusão que o melhor não era o caminho que estava trilhando? Será que não viu fundamento, motivo e destino para o seu trabalho? Tantas questões, não é mesmo.

Sei que influenciou o comportamento de todos os que estavam naquele escritório, afinal a inércia é recompensadora. Sei também que ninguém o indagou sobre seus motivos, tentou conciliar, resolver, apoiar e chegar à solução conjunta. Penso que o dono do escritório ficou incomodado com sua insubordinação, mas não soube lidar com ela e o demitiu. Quero dizer, mudou de lugar, como se pudéssemos desfazer dos problemas.

Bem, o que sei é que pessoas são um mundo em si mesmas e o ambiente em que convivem influencia e em muito suas atitudes.

Tenha um ótimo fim de tarde de onde jazerdes.

Abraço,

Lisly Rosa Pereira



A um pessoa querida, Sr. bartleby.

Meu caro, Bartleby,

Confesso que entender sua história não é fácil. De fato, um enredo complexo. Difícil chegar numa conclusão nítida, até num diagnóstico real.

Chamou-me atenção a sua opção pela reclusão. A desistência da vida.

Entendo perfeitamente uma mudança de comportamento em meio a situações difíceis, mas por que motivo se ausenta da vida, abdica-se dela?

Realmente a sua história me traz reflexões e indagações sobre a vida, sobre o comportamento das pessoas, sobre ajuda mútua etc.

Já me perguntei qual motivo te levou a esse conflito interior, que reflete no seu exterior.

Seria o excesso de trabalho combinado com poucos amigos? Seria uma certa maneira introspectiva de ser?

Eu acredito que de fato falta ajuda, empatia, humanidade dos seus colegas de trabalho em te ver numa situação difícil, mas se manterem silentes. Digo seus colegas pois estão próximos de você, no seu dia a dia.

O dono do escritório até tentou ajudar, né?

Admito que olhar para você assim me bate uma certa raiva, me gera pena, me causa revolta.

Enfim, escrevo-lhe essas poucas palavras como uma maneira de externar minha preocupação com você. Fique bem!!!

Fraterno Abraço.

Olímpio Soares



foto Bartleby

Documento do Word

PADLET DRIVE

De Renata para Bartleby

Sr. Bartleby, conheci sua história apenas no ano de 2022, você deve estar se perguntando, como isto aconteceu? Ninguém destruiu este conto? Mesmo depois de tantos anos? Quem teria interesse em ler algo que aconteceu tão distante, falando aqui sobre tempo e espaço? Acho que você se surpreenderá, ao saber que o que viveu ali em Wall Street é muito atual! Hoje as cartas não são o principal meio de comunicação, os selos que antes as identificavam, fazem mais sentido em galerias de colecionadores. Mas ainda hoje muitos não sabem ler e escrever, ficam à margem de uma sociedade que corre de um lado para o outro é que tratam estas pessoas como se fossem invisíveis. Ainda que os meios de comunicação tenham evoluídos (acredite: hoje enviamos "cartas" por aparelhos de telefones diretamente para as pessoas), os sentimentos de amor, afeto, tristeza, raiva e tantos outros são os mesmos. E as dores não são somente físicas, temos uma alma adoecida. Chamamos de depressão, uma tristeza profunda que muitas vezes nos cala, nos isola e nos adocece. Quisera eu ter tido a coragem de lá atrás dizer: prefiro não. Quantas angústias, traumas e problemas teria evitado. Por outro lado, quisera eu ter dividido o mesmo tempo e espaço que você, com a sabedoria e a evolução da ciência de hoje, sua trajetória poderia ter sido outra. Confesso que muito mais que intrigante, sua história é angustiante, uma sensação de uma alma presa em um corpo livre. E este desencontro não teve um final feliz, como tantos outros que hoje em 2022 ainda teimam em acontecer....pois em wall street ou na esplanada as pessoas seguem adoecendo suas almas em meio a máquinas de escrever e computador, seja em frente a muros ou monumentos arquitetônicos... com toda minha compreensão... Renata Braz

Prezado Bartleby

Prezado Bartleby,

Prefiro lhe escrever uma carta, por saber que de cartas você conhece muito bem. Irônico é lhe escrever uma carta para comentar sua história. Irônico é escrever uma carta para uma obra literária do Século XIX, que fala muito do existencialismo do Século XX. Irônico é notar que você não possui história e nem afirmações. Vejo você na existência como um ser em si, solitário.

Parece-me que a humanidade é a protagonista da sua história, tanto do seu capricho, quanto da sua loucura. Parece-me que seus colegas de escritório Turkey e Nippers, cada um à sua maneira, são irônicos, ora mutáveis, ora não sabem o que quer (Nippers). Parece-me que a vista do seu escritório não revela nada a mais do que a solidão de edifícios deste mundo.

Estranho é sua conduta mecânica de trabalhar insistentemente, sem reclamação, sem fala, com pouca alimentação. Estranho é sua conduta de rejeitar o contato com os colegas de escritório, a sua parte coletiva da tarefa. Estranho é sua resistência ao mundo a sua volta, tal qual aquela fechadura fechada pelo lado de dentro, que o dono do escritório tentou uma vez abrir.

Bartleby, lendo sua história, vejo uma máxima irônica, isto é, "a melhor maneira de viver é a de preocupar-se tão pouco quanto possível".

Rodrigo Cesar de Melo



Caro, Bartleby!

Confesso ter me sentido comovida e ao mesmo tempo inspirada por sua história. Vi em você um símbolo de rebeldia, alguém que com sua negativa manteve-se no poder de sua ação, não esvaziando-se de sua potencialidade.

Ao preferir não fazer você continuou sendo o dono da ação, continuou podendo fazer. Mas não o fez, por assim preferir.

Transgrediu a noção que nos impõe a uma ação positiva ou negativa em reação a uma ordem ou uma interpelação, ao preferir uma inação.

Sinto, entretanto, que esse mesmo poder que o libertou, por outro lado também o aprisionou, levando-o ao excesso da inanição.

Não deixo também de notar que assim como as cartas do Departamento de Carta Mortas, esta aqui também jamais chegará a seu destinatário.

Fato que me fez indagar se você acabou por perceber que algumas vezes tanto faz se a carta chega ou não ao seu destino, se a mensagem chega ou não a seu interlocutor.

Algumas vezes basta que os sentimentos sejam expostos, que as palavras sejam postas no papel e que assim tenham deixado de viver somente dentro de seu autor. E, assim como agora, esgotam sua razão de ser em sua mera externalização.

Encerro, pois, essa carta de poucas palavras com muitas dúvidas e na certeza de não obter nenhuma resposta.

De qualquer forma, agradeço a reflexão a que me levou.

Atenciosamente,

Ana Larissa Jansen.

Meu caro amigo Bartleby,

Preciso saber como você está, onde quer que você esteja.

Fica bem, fica em paz, amigo Bartelbly.

Saiba que por trás de todo o trabalho mecânico e por vezes repetitivo, que você tanto preferiu que fosse feito, está a menor importância de sua existência. Que sua simples presença em um ambiente tão repleto de afazeres e procedimentos burocráticos, fez despertar a amizade de alguém. De alguém que lhe via como parte humana, com receios e dotada de um grande senso de responsabilidade com o que fazia.

Cayza Pinheiro Santos

E aos poucos, vc foi se esquecendo de si mesmo.

Prefiro que esteja bem, prefiro que seja feliz e prefiro que abraçe e se deixe abraçar.

Ah, Bartebly, como eu queria te falar sobre sua preciosidade neste mundo tão caótico. Vc se fechou em um mundo que não pude te alcançar e te resgatar. A paz que você tanto procurou naquela janela de tijolinhos estava simples e, ao mesmo tempo, tão complexo. Vc merecia ter paz e merecia ser feliz, amigo.

Fica aqui registrado minha saudade e eterna vontade de te dizer nos olhos: "Preferiria ter você aqui neste mundo, mesmo não preferindo não ser tão útil. Seu valor é muito maior do que sua utilidade!"



Imagem Bartebly

Documento PDF

PADLET DRIVE

※※※※※